

## SOU PROFESSOR, SOU ÍNDIO: A DISCURSIVIZAÇÃO DO SUJEITO NA CAPA DA REVISTA *Nova Escola*

### I AM A TEACHER, I'M AN INDIAN: THE DISCOURSE OF THE SUBJECT ON THE COVER OF THE MAGAZINE *Nova Escola*

Adilson Manfrin\*

Eliana Cristina Pereira Santos\*\*

**Resumo:** O discurso não existe sem o sujeito e o sujeito não existe sem discurso. Para a análise do discurso, o sujeito só se configura pela ideologia e pelo inconsciente, entretanto, o sujeito acredita ter uma evidência de ser o dono de seu dizer. Considerando que “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dada” (PÊCHEUX, 1993, p.77), busca-se na materialização dos discursos da capa da Revista Nova Escola (edição: n.171 de abril de 2004) debatermos quais os desdobramentos da concepção sujeito índio do discurso na teoria pechetiana, os efeitos de sentido provocados pelo enunciado verbal “Sou professor, sou índio”, e outras considerações sobre a capa.

**Palavras-chave:** Professor-índio. Revista. Discurso

**Abstract:** The speech does not exist without the subject and the subject does not exist without speech. For the analysis of discourse the subject exists only by ideology and unconscious, however the subject believes he has evidence to be the master of his say. Whereas “is always pronounced a speech from given conditions of production” (Pêcheux, 1993, p.77), search in the materialization of discourses on the cover of the Nova Escola Magazine edition: No. 171, April 2004 debate which developments of Indian design subject of discourse in theory pechetiana, the effects of meaning caused by verbal statement “I am a teacher, I am Indian,” and other considerations on the cover.

**Keywords:** Indian-teacher. Magazine. Discourse.

\* Professor de História, Mestre em História na linha de pesquisa de História Indígena/UFMS, Coordenador da Educação Escolar Indígena/NRE/Foz do Iguaçu/SEED/PR. E-mail [adilsonmanfrin@hotmail.com](mailto:adilsonmanfrin@hotmail.com)

\*\* Pedagoga, especialista em Psicopedagogia, Mestre em Letras pela UNIOESTE, campus Cascavel. E-mail [eliana.lee@ig.com.br](mailto:eliana.lee@ig.com.br)

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo visa apresentar e discutir a imagem do professor índio na capa da revista *Nova Escola*, doravante RNE, em abril de 2004. Para tal, realizamos um esboço analítico, uma leitura de possíveis efeitos de sentidos que nos afetaram como leitores da revista, ou seja, um iniciar ainda não finalizado, com algumas informações, ainda não aprofundadas, mas que podem servir como “brechas” para que outros investigadores que pensam sobre o mesmo assunto desenvolvam trabalhos nesta área.

O que se pretende nesse trabalho é reconstituir o discurso latente da capa, na busca de querer reencontrar o murmúrio da intencionalidade da capa que não é, em última análise, transcrita somente em palavras, mas em linhas, superfícies e cores, enfim em discurso. Propomos buscar quais os efeitos de sentidos possíveis nessa capa, e isso não significa que muitos outros pesquisadores não possam encontrar outros efeitos de sentidos “captados” de outra maneira. Afinal, são possíveis várias maneiras para trabalhar com o simbólico.

Feitas essas colocações, busca-se fundamentação teórica nos estudos da Análise do Discurso (AD), que entende discurso como sentidos em movimento, as errâncias dos sujeitos, a improbabilidade de lugares para as conjunções nas dispersões e discursividade de unidades, de incertezas de trajetos, indistinção, vestígios e ancoragem realizadas pelas/com as palavras, ou até mesmo com a ausência delas. Optar pela AD é decidir por problematizar as maneiras de ler, é perceber que não é possível não

estarmos sujeitos à linguagem, aos seus equívocos, a sua opacidade. É saber que não há neutralidade nem mesmo no pesquisador – diríamos que não há neutralidade principalmente no analista do discurso, uma vez que não se pode cair na ilusão de que, por sermos pesquisadores, estamos conscientes de tudo. O máximo que a nós é permitido é que, por estarmos em contato com diversas leituras, temos uma relação menos ingênua com a linguagem.

Com o objetivo declarado, a RNE se coloca a contribuir para a formação e o aperfeiçoamento profissional do professor como maneira de viabilizar o desenvolvimento social do país; é também uma maneira de “manter” os professores leitores atualizados sobre todos os assuntos que envolvem a educação. Essa característica da revista é essencialmente significativa no caso de uma publicação pedagógica destinada ao grande público docente: a RNE posiciona-se como a maior revista para educadores brasileiros, uma vez que circula desde 1986, com custo baixíssimo para assinantes e alguns exemplares distribuídos gratuitamente nas escolas públicas.

Nesta capa de abril de 2004, a revista com aparente estabilidade de mídia impressa, segundo Gregolin (1997) “interpela incessantemente o leitor [...] compondo o movimento da história presente por meio da re-significação de mensagens e sinais enraizados no passado” (GREGOLIN, 1997, p.47). Interpela o sujeito leitor a “saber” dos acontecimentos relacionados à educação brasileira, mais precisamente a educação escolar indígena no Brasil.

## CORPUS E ANÁLISE

Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise da capa, procurando detectar a posição sujeito-índio como professor. A questão que se procura responder ou tecer reflexões sobre é que efeitos de sentido tal capa pode gerar e em quais sustentáculos está ancorado. Para analisar a imagem da capa da RNE em questão é fundamental entender o processo histórico nas relações estabelecidas entre os povos indígenas e a educação escolar para compreender as condições de produção da afirmação: *sou professor, sou índio*.

Vejamos o objeto de análise:



abril/2004

Abril de 2004, momento histórico em que os povos indígenas já têm reconhecidas suas formas próprias de organização social, tradições, seus valores simbólicos, conhecimentos e processos de constituição de saberes e sua transmissão cultural para futuras gerações.

Historicamente, temos conhecimento de que a “educação” inicialmente foi fornecida pelos padres jesuítas. Os indígenas vêm enfrentando desde o século XVI as políticas de aldeamento e assimilação; essas políticas discutidas e elaboradas pelos homens brancos (não-índios) exerceram notada influência em suas práticas sociais identitárias. Note-se que a imagem trazida pela capa apresenta um homem índio de camisa branca com botões, segurando uma caneta em posição do exercício da escrita, com colares de semente, rosto e braços com pinturas característica dos índios. A roupa, o gesto de sorrir para câmera fotografia denota a ideologia demarcada por décadas e tais elementos são apresentados em forma de resquícios da influência.

A educação escolar indígena apresentada pela RNE aponta para uma realidade escolar ocidentalizada que foi efetivada e que encontrou seu caminho, mas que, na realidade, é um processo, uma construção. Significa que os professores indígenas estão em busca de uma definição conceitual, do que realmente é essa educação escolar indígena. O que de fato é essa escola para os povos indígenas? Pelo fato de ser índio já se enfrenta vários problemas na perspectiva de educação escolar para os povos nativos.

A educação escolar indígena passa por mudanças e ações de governo na esfera federal, como a ação afirmativa de promover e investir na formação dos professores indígenas, o que ganha o interesse da mídia em divulgar o que está acontecendo.

A posição que o sujeito professor assume na capa é o que determina o efeito

de sentido do discurso. Na AD, os indivíduos são interpelados em sujeitos: sujeitos de direitos, sujeito professor, e desse lugar profere seus dizeres. Entretanto, não se dão conta dessa interpelação por causa do efeito de esquecimento causado pela ideologia. E, por isso se considera fonte do dizer, dono de seu discurso, prontos a afirmar “sou professor, sou índio”. Pode-se dizer que as pessoas assumem papéis de sujeitos do discurso com base nas formações discursivas (FD) em que se inscrevem determinadas pelas formações ideológicas (FI) que lhes foram associadas.

A partir das FD que determinam o que pode vir ou não a ser apresentado e dito na capa da revista, o sujeito índio enuncia seu dizer. Sustentado por um interdiscurso de que, por se tratar de uma revista, certas coisas podem ser ditas e outras não. É interessante para a RNE que o sujeito índio afirme sua posição de professor diante do cenário brasileiro, já que o processo de significação de discurso vai resultar, então, da constituição de suas condições de produção, e essas compreendem basicamente os sujeitos, a situação e a memória. Os sentidos que tentamos apreender com a capa, segundo Pêcheux (2009);

não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas, isto é, reproduzidas.” (PÊCHEUX, 2009, p. 160).

Portanto, o que se tem é uma incompletude inerente ao processo discursivo, já que existe uma multiplicidade de sentidos que são dados em relação à história e às posições ideológicas em que os sujeitos estão inscritos.

O efeito de sentido na capa da revista para a afirmação “sou índio” carrega os equívocos de compreensão desde a invasão de Cristóvão Colombo no continente americano. É, pois, a repetição da denominação de índios, dada aos habitantes nativos dessas terras desde o “descobrimento do Brasil” que permanece até o presente. Revela ainda que, para muitos brasileiros não-índios, a denominação é pejorativa, demonstra todo o processo histórico de discriminação e preconceito contra os povos nativos. Ao evocar a palavra “índio” recupera do interdiscurso os sentidos de um ser sem conhecimento, civilização, cultura, incapaz, selvagem, preguiçoso e traiçoeiro. Existe também outro efeito de sentido sobre essa palavra – a de um ser literário, romântico, protetor das florestas, símbolo da pureza, quase um ser como o das lendas e dos romances.

A denominação índio ou indígena, segundo os dicionários da língua portuguesa, significa nativo, natural de um lugar. É também o nome dado aos primeiros habitantes (habitantes nativos) do continente americano, os chamados povos indígenas. Mas esta denominação é o resultado de um mero erro náutico. O navegador italiano Cristóvão Colombo, em nome da Coroa Espanhola, empreendeu uma viagem em 1492 partindo da Espanha rumo às Índias, na época

uma região da Ásia. Castigada por fortes tempestades, a frota ficou à deriva por muitos dias até alcançar uma região continental que Colombo imaginou que fossem as Índias, mas que na verdade era o atual continente americano. Foi assim que os habitantes encontrados nesse novo continente receberam o apelido genérico de “índios” ou “indígenas” que até hoje conservam. Deste modo, não existe nenhum povo, tribo ou clã com a denominação de índio. Na verdade, cada “índio” pertence a um povo, a uma etnia identificada por uma denominação própria, ou seja, a autodenominação, como o Guarani, o Yanomami etc. Mas também muitos povos recebem nomes vindos de outros povos, como se fosse um apelido, geralmente expressando a característica principal daquele povo do ponto de vista do outro. Ex.: Kulina ou Madjá. Os Kanamari se autodenominam Madjá, mas os outros povos da região do Alto Juruá os chamam de Kanamari. (LUCIANO, 2006, p. 29-30).

Entretanto a matriz de sentido dada ao “sou índio” não é aquela construída pelo movimento indígena, organizado a partir da década 1970, por meio da luta para romper com a pedagogia da imposição enfrentada pelos povos indígenas no Brasil. Na época, os indígenas chegaram ao entendimento de que era necessário concordar com os povos não-índios a respeito da denominação para que essa fosse validada genericamente de índio ou indígena, no sentido de permanecer uma identidade que os unisse,

articulasse, viabilizasse e fortalecesse todos os povos originários e, ao mesmo tempo, demarcasse a fronteira étnica e identitária de cada povo, na condição de habitantes nativos e originários do território brasileiro.

A partir dessa articulação dos próprios povos indígenas, de forma coletiva, o sentido pejorativo da palavra índio foi deslocado para outro sentido de ordem afirmativa: uma identidade multiétnica. “Índio” fornece uma marca identitária capaz de unir povos historicamente distintos e rivais na luta por direitos e interesses comuns. É por essa via que atualmente todos os índios se tratam como parentes.

Ainda no nível verbal do enunciado da capa, podemos destacar duas informações: uma limitação temática, que se refere à posição de sujeito professor e à regularidade presente na representação desse sujeito, a de índio. Nesse sentido, o papel designativo do verbal em função do visual institui limites à posição dos sujeitos representados, bem como dos sentidos produzidos e circunscritos na imagem a ser lida. Desta maneira, pelo verbal, a imagem da capa propõe uma identidade composta e subordinada. Composta por ser professor/índio e subordinada por apresentar a palavra professor primeiro que a palavra índio. A profissão professor é discursivizada como uma identidade primeira em que a etnia não é identificada, pois a voz proferida é não-índia para quem produziu e, para quem consome, os leitores, perpassa a imagem congelada no tempo e induz a ser tudo igual, levando ao apagamento de 235 povos diferentes no Brasil.

No entanto, apesar de todas as conquistas dos povos indígenas, enquanto sujeitos de direitos pautados pela constituição de 1988, pela Lei de Diretrizes Bases Nacionais de 1996, e por outras leis internacionais adotadas pelo governo brasileiro em defesa dos povos indígenas, apesar de tudo isso enquanto avanço, a educação escolar está longe de romper com a pedagogia da imposição na sociedade nacional, por isso a luta dos povos indígenas é constante.

Emprestando a noção de Althusser, que define que “todo indivíduo humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática se revestir da forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais” (PÊCHEUX, 2009, p. 183), Pêcheux apresenta o sujeito como uma forma-sujeito, uma unidade imaginária, um lugar. Os sujeitos são recrutados em “ser professor” indígena pelo modelo oferecido pela revista, afinal ela apresenta um modelo de professor-índio, chamando para si a importância de apresentar em prim Geografias textuais e as configurações da linguagem. eira mão uma imagem tão almejada pelos sujeitos que reivindicam a necessidade de ser um professor índio dentro das comunidades indígenas.

Os sujeitos leitores conseguem, por um processo de identificação e incorporação desse modelo que se dá por essa incorporação-dissimulação do interdiscurso, o já dito sobre o indígena e sobre o professor, e na identificação com esse outro mostrado, aqui na revista e em outros lugares, em outras situações em que o sujeito professor é dado a ver, é dado a ler. Da forma como é apresentada

a capa, é possível um reconhecimento e uma cumplicidade entre o interdiscurso e a identificação. Em outras palavras, é possível perceber todas as concepções que o leitor tem de índio, materializado na capa, unidas à concepção de professor. Até o ponto em que essa incorporação/dissimulação dos elementos do interdiscurso (o que é dito sobre o ser professor e sobre o ser índio) são confundidos, de modo a não haver mais demarcação no que está dito e apresentado na capa, e do que isso é dito.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

a imagem trazida pela revista na capa é efeito do ser professor e do ser índio, entretanto, não é “em realidade” todos os professores e de todos os indígenas. Alguns professores se assemelham ao modelo apresentado, contudo, busca-se nesse modelo a identificação como sujeito do dizer. Em suas inscrições, no desenho no rosto e pelos colares busca a identificação com a cultura indígena, ao mesmo tempo em que a camiseta regata branca o configura de acordo com o ocidentalismo instaurado no Brasil.

O que se pode perceber nessa capa em linhas gerais é que a RNE se apropria do discurso da “descoberta do Brasil” em relação ao índio, despossuindo dele o antropológico, folcloriza sua imagem ao mesmo tempo em que elide nas vestimentas e na posição sujeito professor. E omite a materialidade histórica sob o pretexto de discursivizar o pedagógico. O fato é que os acontecimentos históricos não o são por si, mas porque reclamam um sentido.

REFERÊNCIAS

GREGOLIN, M. R. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, M. R. (Org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003, p.95-110.

LUCIANO, G. dos Santos. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. 233p. (Coleção Educação Para Todos. Série Vias dos Saberes n. 1).

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. por Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

Recebido para publicação em 10 de dez. de 2012

Aceito para publicação em 27 de out. de 2013